

RESUMO

Viviane Viana de Souza

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

O uso das cópias na formação do artista na Academia Imperial de Belas Artes

A Academia Imperial de Belas Artes é criada em 1826 com o propósito de formar artistas e artífices que atendam às novas demandas surgidas com a vinda da família real portuguesa em 1808. O ensino artístico instaurado com a Academia busca seus moldes no classicismo francês que se volta à Antigüidade clássica como modelo a ser seguido e estudado pelos alunos, influencia que se estende – com maior ou menor intensidade - até as primeiras décadas do século XX. O método acadêmico de aprendizado possuía dois momentos importantes: a cópia de obras (desenhos, gravuras, pinturas, esculturas e moldagens) e o estudo da figura humana (modelo vivo). Sendo assim, uma das formas de aprendizado era a realização de cópias das obras dos grandes mestres europeus, com as quais os alunos tinham contato na ocasião de suas estadas no exterior possibilitadas pelos prêmios de viagem dados pela Academia. Muitas dessas obras fazem parte do acervo do Museu D. João VI da Universidade Federal do Rio de Janeiro, contudo nem todas estão devidamente ligadas ao seu correspondente europeu, ou até mesmo à sua autoria pelos alunos da Academia. A própria classificação de “cópia” usada no acervo do Museu se mostra em alguns momentos equivocada, dificultando o estudo dessas obras do ponto de vista do seu contexto didático no processo de ensino artístico da Academia e impossibilitando a realização de uma análise da obra tomando como referência a obra original. Portanto a presente comunicação pretende indicar o resultado do levantamento e pesquisa realizados, com o objetivo de identificar precisamente a classificação das obras do acervo como “cópias”, relacioná-las às obras européias objeto de cópia pelos alunos da Academia e analisar as relações, ressignificações e alterações entre o objeto da cópia e seu produto.